



Revista de Saúde Pública

ISSN: 0034-8910

revsp@usp.br

Universidade de São Paulo

Brasil

Barbosa, Regina Maria; Hara Koyama, Mitti Ayako; Grupo de Estudos em População,
Sexualidade e Aids

Comportamento e práticas sexuais de homens e mulheres, Brasil 1998 e 2005

Revista de Saúde Pública, vol. 42, núm. 1, junio, 2008, pp. 21-33

Universidade de São Paulo

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=67240172005>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Regina Maria Barbosa^{I,II}

Mitti Ayako Hara Koyama^{III}

Grupo de Estudos em
População, Sexualidade e Aids*

Comportamento e práticas sexuais de homens e mulheres, Brasil 1998 e 2005

Sexual behavior and practices among men and women, Brazil 1998 and 2005

RESUMO

OBJETIVO: Comparar achados básicos de duas pesquisas sobre comportamento e práticas sexuais de mulheres e homens e suas associações com características sociodemográficas da população.

MÉTODOS: Os dados analisados foram obtidos por meio de questionário aplicado a uma amostra probabilística de 3.423 pessoas em 1998, e 5.040 em 2005, com idades entre 16 e 65 anos, moradores em regiões urbanas do Brasil. Análises comparativas foram realizadas por sexo e ano de realização da pesquisa, e segundo variáveis sociodemográficas, utilizando o teste qui-quadrado de Pearson.

RESULTADOS: O número de parcerias性ais no ano que antecedeu a entrevista diminuiu entre os homens, de 29,5% para 23,1%. Constatou-se ainda variabilidade de comportamentos e práticas sexuais em função da idade, escolaridade, situação conjugal, religião e região geográfica de residência, além de características específicas segundo sexo. Verificou-se aumento da proporção de mulheres que iniciaram a vida sexual no grupo daquelas com 16 a 19 anos e ensino até fundamental, ou residentes na região Sul do País; e aumento de relato de atividade sexual no último ano entre as mulheres e redução desse relato entre os homens com mais de 55 anos, protestantes/pentecostais, ou separados e viúvos. A proporção de homens com mais de um parceiro(a) sexual no último ano diminuiu entre aqueles com 25 a 44 anos ou com ensino até médio. Houve aumento de relato da prática de sexo oral por parte de mulheres com mais de 35 anos ou residentes no Norte/Nordeste.

CONCLUSÕES: A análise comparativa entre 1998 e 2005 sugeriu tendência de diminuição das diferenças entre homens e mulheres. Possivelmente isso resulta de um padrão de mudança caracterizado por aumento da freqüência nos comportamentos femininos investigados e diminuição da freqüência nos comportamentos masculinos.

DESCRITORES: Comportamento Sexual. Gênero e Saúde. Conhecimentos, Atitudes e Prática em Saúde. Estudos Populacionais em Saúde Pública. Brasil. Estudos transversais.

^I Núcleo de Estudos de População.
Universidade Estadual de Campinas.
Campinas, SP, Brasil

^{II} Centro de Referência em DST/Aids. São Paulo, SP, Brasil

^{III} Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. São Paulo, SP, Brasil

* Integrantes: Elza Berquó, Francisco Inácio Pinkusfeld Bastos, Ivan França Junior, Regina Barbosa, Sandra Garcia, Vera Paiva, Wilton Bussab.

Correspondência | Correspondence:
Regina Maria Barbosa
Núcleo de Estudos de População-NEPO/
UNICAMP
R. Albert Einstein 1300
13081-970 Campinas, SP, Brasil
E-mail: rbarbosa@nepo.unicamp.br

ABSTRACT

OBJECTIVE: To compare basic findings from two studies on sexual behavior and practices among women and men and their associations with sociodemographic characteristics of this population.

METHODS: Data analyzed were obtained by a questionnaire applied to a probabilistic sample comprised of 3,423 people in 1998, and 5,040 people in 2005, all aged between 16 and 65 years, and living in urban areas of Brazil. Comparative analyses were performed by sex and year of research, and according to sociodemographic variables, using Pearson's chi-square test.

RESULTS: The number of sexual partners in the year that preceded the interview decreased from 29.5% to 23.1% among men. Variability in sexual behavior and practices according to age, level of education, marital status, religion and place of residence, in addition to specific characteristics based on sex, was observed. There was also an increase in the proportion of women who began their sexual life in the 16-to-19-year age group and had completed up to elementary school, or lived in Southern Brazil. Moreover, it was observed an increase of sexual activity reported by women in the last year, and a decrease among men over 55 years of age, Protestant/Pentecostal, or separated/widowed. The proportion of men with more than one sexual partner in the last year decreased among those aged between 25 and 44 years or who have completed up to high-school. There was an increase in oral sex practice reported by women who are over 35 years of age or live in Northern/Northeastern Brazil.

CONCLUSIONS: Comparative analysis from 1998 to 2005 suggested a tendency towards differences between women and men decreasing. This probably results from a pattern of change characterized by an increase in the frequency of female behavior investigated and a decrease in the frequency of male behavior.

DESCRIPTORS: Sexual Behavior. Gender and Health. Health Knowledge, Attitudes, Practice. Population Studies in Public Health. Brazil. Cross-sectional studies.

INTRODUÇÃO

A partir do final dos anos 1990, com a emergência da Aids, começaram a ser realizados inquéritos populacionais seriados sobre comportamentos e práticas sexuais. Esses inquéritos buscaram compreender melhor a relação entre o exercício da sexualidade e a transmissão sexual do HIV – responsável por grande parte dos casos nos países acometidos pela epidemia.^{12-14,16,a,b,c}

Embora não haja necessariamente uma relação direta ou passível de comprovação entre mudanças de comportamento sexual e a incidência de infecção por HIV

e de outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), segundo Fishbein & Pequegnat,^{9,15} tais inquéritos constituem importante fonte de informação para avaliar impactos de ações de intervenção e políticas de prevenção do HIV no comportamento sexual.

Nesse sentido, a perspectiva de produção de dados seriados é particularmente útil por permitir comparações ao longo do tempo e, assim, identificar eventuais mudanças de comportamento, práticas e atitudes relacionadas à sexualidade. Um exemplo é a pesquisa realizada pelo

^a Agence Nationale de Recherches Sur le Sida et les Hépatites Virales. Dossier de presse - Premiers résultats de l'enquête "Contexte de la sexualité en France". Paris; 2007. Disponível em: <http://www.anrs.fr/index.php/anrs/content/download/483/3662/file/DP%202013%20mars%202007%20-%20Premiers%20%20rезультатов%20de%20%5Cenqu%C3%AAta%20CSF.pdf>

^b Arredondo A, Goldstein E, Olivera MP, Bozon M, Giraud M, Messich A, et al. Estudio nacional de comportamiento sexual: primeros análisis, Chile 2000. Santiago: Ministerio de Salud.Comisión Nacional del Sida; 2000.

^c Naciones Unidas. Programa para El Desarrollo. Actitudes, información e conductas en relación con el VIH SIDA en la población general: informe para el establecimiento de la línea de base para el proyecto Actividades de Apoyo a la Prevención y Control del VIH/SIDA en Argentina. Buenos Aires; 2005.

Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) em 1998^a e 2005,^b por solicitação da Coordenação Nacional de DST e Aids/Ministério da Saúde.

As informações disponíveis a respeito do HIV/Aids no Brasil revelam uma epidemia com diferenciais regionais relevantes e maneiras diversas de afetar as populações,⁸ ressaltando a importância de se considerar as dimensões de gênero, classe social, raça e geração. Análises desenvolvidas em separado por homens e mulheres são fundamentais para a identificação e compreensão das diferenças nos padrões de comportamento sexual,¹⁰⁻¹² bem como para a adoção de medidas preventivas e de cuidado da saúde.

O objetivo do presente artigo foi comparar achados de duas pesquisas sobre o comportamento e práticas sexuais de mulheres e homens, bem como suas associações com características sociodemográficas da população.

MÉTODOS

Optou-se por uma análise exploratória de vários indicadores, de forma a fornecer um panorama mais abrangente do comportamento sexual da população de homens e mulheres, e sinalizando para possíveis mudanças nos padrões, de 1998 para 2005.

Os dados analisados referem-se aos achados da pesquisa “Comportamento Sexual e Percepções da População Brasileira Sobre HIV/Aids”, realizada em 2005,^b e cotejados com pesquisa similar realizada em 1998.^a

Os dados foram obtidos a partir de amostra probabilística, em múltiplos estágios, da população brasileira com idade entre 16 e 65 anos, residente nas grandes regiões urbanas brasileiras.⁴ Em 1998 foram entrevistadas 1.835 mulheres e 1.489 homens, totalizando 3.324 indivíduos; em 2005, 2.742 mulheres e 2.298 homens, totalizando 5.040 indivíduos. A metodologia da pesquisa e o plano amostral estão, respectivamente, descritos por Berquó et al³ e Bussab & GEPSAIDS.⁴

A escolha das variáveis analisadas foi balizada por constituírem indicadores relacionados à transmissão de IST/HIV e por permitirem comparações entre 1998 e 2005. Portanto, as variáveis referem-se à população sexualmente ativa ao longo da vida e nos 12 meses anteriores à entrevista; indivíduos que fizeram sexo com parceiro do mesmo sexo ao longo da vida; número de parceiros sexuais nos 12 meses anteriores à entrevista; práticas sexuais adotadas com o último parceiro (estável e/ou eventual).

As relações sexuais foram definidas como a prática de sexo oral ou sexo com penetração anal ou vaginal. Assim, em todos os momentos que o instrumento de

pesquisas fazia referência a relações sexuais isso era explicitado, como no exemplo: “Você já teve relações sexuais, ou seja, praticou sexo de alguma destas maneiras: sexo com penetração vaginal, ou anal ou sexo oral?”

A população sexualmente ativa ao longo da vida expressa o contingente de indivíduos que já tiveram relações sexuais pelo menos uma vez na vida. A população sexualmente ativa nos 12 meses anteriores à entrevista incluiu homens e mulheres que relataram pelo menos uma relação sexual no período, entre aqueles(as) já ativos(as) sexualmente. A diferenciação desses dois indicadores, proposta por Cleland & Ali,⁵ permite caracterizar a “abstinência primária”, identificada com o início da vida sexual, da “abstinência temporária ou secundária”, caracterizada pela interrupção das relações sexuais, que pode estar associada, dentre outros fatores, à seleção de parceiros sexuais e/ou à freqüência de relações sexuais.⁵

A ocorrência de relações sexuais com parceiros do mesmo sexo foi analisada somente com relação ao período ao longo da vida, com base na pergunta: “Você já teve relações sexuais com pessoas do mesmo sexo?”. As variáveis número de parceiros(as) sexuais e práticas sexuais foram analisadas apenas com relação aos 12 meses anteriores à entrevista.

A variável referente ao número de parceiros sexuais nos últimos 12 meses foi construída a partir da pergunta: “Nos últimos 12 meses, com quantas pessoas você teve relações sexuais?”.

Dentre as práticas sexuais descritas pelos entrevistados(as) eleger-se a ocorrência de sexo oral e sexo com penetração vaginal ou anal com o último parceiro (estável e/ou eventual) nos 12 meses anteriores à entrevista.

As variáveis sociodemográficas selecionadas foram: faixa etária, categorizada, sempre que possível, nos estratos 16-19, 20-24, 25-34, 35-44, 45-54 e 55-65 anos; escolaridade, categorizada em fundamental (incluiu analfabeto), médio e superior; raça/cor, dicotomizada em branca e não-branca (preto, pardo, amarela e indígena); situação conjugal: solteiro, casado/unido, separado/divorciado/viúvo; religião, segundo as categorias: católica, protestante/pentecostal, outras e nenhuma; região geográfica do país: Norte/Nordeste, Centro-Oeste/Sudeste, Sul e estado de São Paulo.

Análises bivariadas, com utilização do teste qui-quadrado de Pearson, foram ajustadas com a incorporação das informações do plano amostral, sendo utilizado o módulo *complex samples* do pacote estatístico SPSS 13.0. Realizaram-se análises segundo sexo e ano, adotando-se o nível de significância de 5% para todos os testes estatísticos.

^a Berquó E, coordenador. In: Comportamento sexual da população brasileira e percepções do HIV/Aids. Brasília (DF): Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Coordenação Nacional DST e Aids; 2000. (Série avaliação, 4).

^b Pesquisa coordenada pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) e Ministério da Saúde.

Tendo em vista o tamanho reduzido da amostra para determinados recortes de interesse, as análises comparativas entre 1998 e 2005 foram apresentadas apenas quando passíveis de produzir estimativas confiáveis para ambos os períodos. Sempre que o tamanho da amostra permitiu, foram efetuadas análises estratificadas para as variáveis demográficas selecionadas. As análises comparativas por sexo segundo ano foram referidas apenas em caso de diferenças estatisticamente significativas.

O projeto da pesquisa “Comportamento Sexual e Percepções da População Brasileira Sobre HIV/Aids” foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

RESULTADOS

Os resultados referentes à população sexualmente ativa ao longo da vida estão apresentados na Tabela 1. A proporção de homens e mulheres que referiu ter tido relações sexuais alguma vez na vida se manteve inalterada para os grupos populacionais de 1998 e 2005. Porém, observaram-se diferenças segundo sexo, com proporção maior para homens do que para mulheres, sendo essas diferenças estatisticamente significativas nos dois períodos analisados.

A análise por faixa etária evidenciou uma distribuição não homogênea para homens e mulheres, em ambos os períodos, com as mulheres iniciando a vida sexual mais tarde que os homens. Observou-se pequeno decréscimo na proporção de homens sexualmente ativos com idades entre 20-24 anos e 35-44 anos.

Com relação à escolaridade, registrou-se em 2005 proporção menor de pessoas de ambos os性es com ensino médio que havia iniciado a vida sexual. No entanto, entre as mulheres com ensino até fundamental, observou-se aumento estatisticamente significativo dessa proporção, associado exclusivamente a jovens de 16 a 19 anos.

No que se refere à religião, em 2005 a proporção de homens protestantes/pentecostais que não havia iniciado vida sexual foi menor que dos católicos e outras religiões. Entre as mulheres, a distribuição mostrou-se independente das religiões.

A análise por região geográfica permitiu verificar, aumento de mulheres sexualmente ativas na região Sul de 1998 para 2005, associado a jovens de 16 a 24 anos e mulheres de 25 a 34 anos.

Os resultados referentes à população sexualmente ativa no último ano estão apresentados na Tabela 2. A proporção de homens e mulheres ativos(as) sexualmente que referiu ter tido relações sexuais no ano anterior à entrevista manteve-se inalterada para os grupos populacionais de 1998 e 2005. Essa proporção foi acentuadamente maior entre homens do que entre mulheres, sendo essas diferenças estatisticamente significativas nos dois anos.

A distribuição por faixa etária de indivíduos sexualmente ativos no ano anterior à entrevista não foi homogênea para mulheres nos dois períodos; para homens não foi homogênea apenas em 2005 ($p<0,0001$).

Em 2005, as menores proporções de homens sexualmente ativos no ano anterior à entrevista concentraram-se nas faixas etárias extremas de 16-19 anos e 55-65 anos. De 1998 para 2005 houve um aparente decréscimo na proporção de homens sexualmente ativos no último ano, a partir de 45 anos, no entanto essa diferença não se mostrou estatisticamente significativa.

Entre as mulheres, a distribuição manteve-se homogênea nas primeiras quatro faixas etárias, nos dois períodos analisados, diminuindo a partir dos 45 anos ($p<0,0001$). Paralelamente, verificou-se um aumento na proporção de mulheres sexualmente ativas no último ano, na faixa etária de 55-65 anos, diferença estatisticamente não significativa.

Quanto à escolaridade, o padrão observado em 1998 confirmou-se em 2005: proporção menor de mulheres, com nível de ensino até fundamental, teve vida sexual ativa no ano anterior à entrevista (1998, $p=0,0609$; 2005, $p<0,0001$). Essa característica mostrou-se associada exclusivamente a mulheres com mais de 45 anos. Em contraposição, a vida sexual ativa dos homens no ano anterior à entrevista não revelou qualquer associação com escolaridade.

Com relação à raça/cor, observou-se distribuição homogênea nos dois períodos, tanto para homens como para mulheres, com redução na proporção de homens brancos com vida sexual ativa no ano anterior à entrevista ($p=0,0229$).

No que concerne à religião, constatou-se distribuição homogênea entre os homens nos dois períodos, e entre as mulheres, em 1998. De um período para outro foi possível notar redução ($p=0,0377$) na proporção de homens protestantes/pentecostais com vida sexual ativa no ano anterior à entrevista.

No que diz respeito à situação conjugal, entre homens separados e viúvos, ocorreu queda no percentual dos sexualmente ativos no ano anterior à entrevista, entre os dois períodos ($p=0,0051$) e aumento entre mulheres separadas e viúvas ($p=0,0006$). Quando esta análise considerou a idade, observou-se que esse aumento entre as mulheres separadas e viúvas ocorreu nas faixas etárias a partir dos 25 anos; entre os homens na mesma condição, a queda ocorreu a partir de 35 anos.

Houve redução, de 1998 para 2005 ($p=0,0002$), no percentual de homens residentes em São Paulo sexualmente ativos no ano anterior à entrevista. Quando esta análise considerou também a idade observou-se que essa redução associou-se exclusivamente a homens com mais de 45 anos.

Tabela 1. Distribuição de homens e mulheres sexualmente ativos na vida segundo variáveis selecionadas. Brasil 1998 e 2005.

Variável	Sexualmente ativo na vida											
	Homem						Mulher					
	1998		2005		p	1998		2005		p		
	n	%	n	%		n	%	n	%		n	%
Faixa etária (anos)												
16-19	172	67,8	207	67,4	0,9503	141	54,3	153	55,2	0,9310		
20-24	205	97,6	339	92,4	0,0086	165	86,5	276	84,8	0,6439		
25-34	387	98,9	558	98,4	0,5949	461	94,6	624	97,2	0,1405		
35-44	354	100,0	469	99,2	0,0000	396	98,7	556	98,5	0,8583		
45-54	231	99,0	411	99,8	0,1507	226	97,3	489	98,3	0,5274		
55-65	147	100,0	263	99,8	0,3143	162	97,3	328	97,9	0,5956		
p		< 0,0001		< 0,0001			< 0,0001		< 0,0001			
Educação												
Fundamental	970	93,8	1121	96,6	0,1234	984	90,7	1257	97,4	0,0000		
Médio	360	92,6	779	88,9	0,2226	431	85,3	744	83,7	0,6469		
Superior	164	100,0	322	98,3	0,1800	135	91,7	395	92,4	0,8707		
p		0,3162		< 0,0001			0,2059		< 0,0001			
Raça/cor												
Branca	762	93,3	1014	94,8	0,5643	760	88,2	1131	92,9	0,0990		
Não branca	706	95,5	1225	93,9	0,5963	757	90,4	1276	91,0	0,6719		
p		0,5781		0,5485			0,4767		0,2765			
Religião												
Católica	1010	95,9	1473	96,0	0,9659	1067	89,9	1526	91,9	0,2274		
Protestante/Pentecostal	209	86,2	408	88,4	0,7921	276	85,1	580	90,4	0,4112		
Outras	65	96,8	105	96,0	0,8224	112	94,1	170	95,8	0,5846		
Nenhuma	207	93,8	261	92,7	0,7642	92	89,0	145	92,8	0,5045		
p		0,1038		0,0002			0,5617		0,2633			
Situação conjugal												
Solteiro(a)	512	84,6	775	84,5	0,9689	320	63,3	520	70,7	0,1554		
Casado(a)/unido(a)	930	100,0	1371	100,0	-	1010	99,9	1555	100,0	0,1020		
Separado(a)/viúvo(a)	52	100,0	102	100,0	-	220	100,0	350	100,0	-		
p		< 0,0001		< 0,0001			< 0,0001		< 0,0001			
Região geográfica												
Norte/Nordeste	374	94,3	584	95,1	0,6420	398	87,6	636	90,4	0,3004		
Centro-Oeste/Sudeste	535	91,9	698	93,5	0,6325	554	90,9	727	91,4	0,8313		
Estado de São Paulo	372	96,5	657	93,2	0,2816	418	90,4	687	92,4	0,6739		
Sul	213	95,4	308	95,0	0,8734	180	85,4	375	94,2	0,0046		
p		0,4752		0,5892			0,6440		0,3563			
Total	1494	94,1	2247	94,0	0,9534	1550	89,3	2425	91,8	0,1342		

Em 2005, 3,2% dos homens referiram ter tido relações sexuais com outro homem em algum momento da vida – proporção igual à observada em 1998 ($p=0,7677$). Em 1998, 3,0% das mulheres relataram ter tido relação sexual com outras mulheres em algum momento de suas vidas. Análises comparativas entre 1998 e 2005 restringem-se à população masculina devido ao tamanho

reduzido da amostra de mulheres que, em 2005, referiu parcerias do mesmo sexo. Também não foi possível analisar a relação entre variáveis sociodemográficas e parceria do mesmo sexo.

Com relação ao número de parceiros no ano anterior à entrevista, as diferenças de comportamento sexual

Tabela 2. Distribuição de homens e mulheres sexualmente ativos no ano anterior à entrevista segundo variáveis selecionadas. Brasil 1998 e 2005.

Variável	Sexualmente ativo no ano anterior à entrevista											
	Homem				Mulher							
	1998		2005		p	1998		2005		p		
	n	%	n	%		n	%	n	%		n	%
Faixa etária (anos)												
16-19	158	92,0	177	87,0	0,2131	130	91,9	148	96,7	0,1706		
20-24	197	96,3	317	94,7	0,4345	155	94,0	258	93,4	0,8239		
25-34	360	93,2	538	97,0	0,1628	420	91,2	585	94,2	0,3187		
35-44	345	97,5	448	96,4	0,3870	351	88,8	505	91,4	0,2697		
45-54	225	97,6	384	93,8	0,0745	175	77,5	375	76,8	0,9038		
55-65	137	93,1	229	87,0	0,0677	66	40,8	183	56,0	0,0774		
p		0,1681		< 0,0001			< 0,0001		< 0,0001			
Educação												
Fundamental	915	94,3	1025	92,4	0,3284	795	80,7	1022	81,6	0,7720		
Médio	346	96,2	732	94,6	0,4218	379	87,8	668	90,1	0,4400		
Superior	161	97,9	311	96,4	0,3715	124	91,9	343	86,7	0,1240		
p		0,2533		0,0612			0,0609		< 0,0001			
Raça/cor												
Branca	736	96,6	937	93,8	0,0229	640	84,2	962	85,3	0,6998		
Não-branca	663	93,9	1150	94,1	0,9892	627	82,9	1080	84,8	0,2574		
p		0,2007		0,8870			0,4629		0,6939			
Religião												
Católica	968	95,8	1387	94,6	0,2433	916	85,9	1312	86,3	0,8440		
Protestante/Pentecostal	201	96,4	367	91,5	0,0377	212	76,8	478	82,5	0,1371		
Outras	63	98,0	96	93,6	0,2220	82	73,4	131	77,1	0,7032		
Nenhuma	186	89,6	243	93,6	0,4532	83	90,8	129	89,5	0,7918		
p		0,1425		0,3593			0,0535		0,0058			
Situação conjugal												
Solteiro(a)	459	89,6	669	88,2	0,6612	244	76,2	407	78,6	0,6030		
Casado(a)/unido(a)	917	98,6	1352	98,7	0,8210	999	98,9	1503	96,8	0,0030		
Separado(a)/viúvo(a)	46	89,4	72	71,2	0,0051	55	25,0	144	41,3	0,0006		
p		< 0,0001		< 0,0001			< 0,0001		< 0,0001			
Região geográfica												
Norte/Nordeste	351	93,9	551	94,5	0,6933	334	83,9	553	87,4	0,1140		
Centro-Oeste/Sudeste	500	93,5	644	94,0	0,8565	447	80,8	597	82,2	0,6864		
Estado de São Paulo	366	98,4	601	91,8	0,0002	372	89,0	583	84,9	0,2428		
Sul	204	95,8	297	96,6	0,6050	144	79,9	321	86,1	0,0983		
p		0,1042		0,0517			0,1275		0,0581			
Total	1422	95,2	2093	93,9	0,3150	1297	83,7	2054	85,0	0,4631		

entre homens e mulheres foram mais evidentes. A proporção de homens que referiu mais de um parceiro sexual foi aproximadamente cinco vezes maior que a das mulheres nos dois períodos. Esta proporção diminuiu no grupo dos homens e manteve-se inalterada entre as mulheres. Os resultados referentes ao número de parceiros(as) no último ano estão apresentados na Tabela 3. Não foi possível realizar análises compa-

rativas entre 1998 e 2005 para a população feminina segundo variáveis sociodemográficas, dado o tamanho reduzido da amostra de mulheres para este recorte (5,2%). Embora a proporção de homens com mais de um parceiro(a) no ano anterior à entrevista tenha mantido tendência decrescente em função da idade, a queda concentrou-se entre homens de 25 a 34 anos ($p=0,0307$) e de 35 a 44 anos ($p=0,0354$). Entre jovens

Tabela 3. Distribuição de homens e mulheres que relataram mais de um parceiro sexual no ano anterior à entrevista, segundo variáveis selecionadas. Brasil, 1998 e 2005.

Variável	Mais de um parceiro no ano anterior à entrevista										
	Homem					p	Mulher				
	1998		2005		p		1998		2005		p
	n	%	n	%			n	%	n	%	
Faixa etária (anos)											
16-19	95	60,0	79	44,6	0,0736	-	-	25	16,8	-	-
20-24	94	47,7	157	49,5	0,7976	-	-	19	7,4	-	-
25-34	124	34,4	119	22,1	0,0307	-	-	37	6,4	-	-
35-44	76	22,1	60	13,4	0,0354	-	-	18	3,5	-	-
45-65	30	8,3	68	11,1	0,3135	-	-	7	1,3	-	-
p		< 0,0001		< 0,0001		-			< 0,0001		-
Educação											
Fundamental	240	26,2	190	18,5	0,0105	-	-	42	4,1	-	-
Médio	136	39,4	187	25,6	0,0038	-	-	41	6,2	-	-
Superior	43	26,4	96	31,0	0,6764	-	-	22	6,5	-	-
p		0,1256		< 0,0001		-			0,1771		
Raça/cor											
Branca	239	32,6	187	20,0	0,0009	-	-	46	4,8	-	-
Não-branca	170	25,6	294	25,6	0,9971	-	-	60	5,6	-	-
p		0,1815		0,0120		-			0,5373		
Religião											
Católica	298	30,8	295	21,3	0,0023	-	-	57	4,3	-	-
Protestante/Pentecostal	30	14,9	75	20,5	0,6902	-	-	18	3,8	-	-
Outras	-	-	26	27,2	-	-	-	18	13,4	-	-
Nenhuma	84	45,2	86	35,6	0,4001	-	-	14	10,5	-	-
p		0,0150		0,0015		-			< 0,0001		
Situação conjugal											
Solteiro(a)	280	61,0	305	45,6	0,0057	-	-	66	16,2	-	-
Casado(a)/unido(a)	116	12,7	141	10,5	0,3208	-	-	18	1,2	-	-
Separado(a)/viúvo(a)	22	48,4	36	50,4	0,8922	-	-	22	15,5	-	-
p		< 0,0001		< 0,0001		-			< 0,0001		
Região geográfica											
Norte/Nordeste	124	35,4	199	36,2	0,8711	-	-	30	5,3	-	-
Centro-Oeste/Sudeste	161	32,2	112	17,5	0,0038	-	-	27	4,6	-	-
Estado de São Paulo	88	23,9	117	19,5	0,3772	-	-	33	5,7	-	-
Sul	46	22,5	53	18,0	0,3192	-	-	16	5,0	-	-
p		0,1833		< 0,0001		-			0,9215		
Total	418	29,5	482	23,1	0,0197	68	5,2	106	5,2	0,9660	

(-) dado não fornecido; não foram realizadas análises comparativas quando o mínimo de 30 casos válidos não foi obtido nos dois períodos

de 16 a 19 anos, observou-se redução de cerca de 15%, porém, não significativa estatisticamente.

No conjunto da população masculina, houve redução do número de parceiros no grupo com ensino até fundamental e médio. Redução que sugere relação positiva entre número de parceiros sexuais em 2005, em função da escolaridade.

Além das diferenças observadas por faixa etária e escolaridade, evidenciou-se, entre 1998 e 2005, diminuição na proporção de homens católicos, brancos e solteiros com mais de um parceiro no último ano.

A filiação a qualquer religião mostrou-se associada à maior proporção de parcerias únicas no ultimo ano, tanto em 1998 quanto em 2005.

Tabela 4. Distribuição de homens e mulheres que relataram prática de sexo oral com o último parceiro sexual tido no ano anterior à entrevista, segundo variáveis selecionadas. Brasil, 1998 e 2005.

Variável	Sexo oral									
	Homem					Mulher				
	1998		2005		p	1998		2005		p
	n	%	n	%		n	%	n	%	
Faixa etária (anos)										
16-19	89	62,8	84	49,2	0,1352	40	36,9	73	51,8	0,1633
20-24	98	56,5	182	58,7	0,7872	60	42,4	145	59,9	0,0358
25-34	175	51,6	314	60,1	0,1696	248	60,5	273	49,4	0,1616
35-44	108	32,2	184	42,6	0,1421	57	17,2	192	40,2	< 0,0001
45-65	46	13,7	146	24,9	0,0143	33	14,6	110	21,6	0,3183
p	< 0,0001		< 0,0001		< 0,0001		< 0,0001		< 0,0001	
Educação										
Fundamental	226	26,4	300	30,3	0,3764	130	17,5	239	25,0	0,0443
Médio	203	62,6	386	54,6	0,2185	225	63,0	320	50,5	0,0722
Superior	88	59,2	211	71,1	0,1747	82	73,9	225	71,4	0,7789
p	< 0,0001		< 0,0001		< 0,0001		< 0,0001		< 0,0001	
Raça/cor										
Branca	317	45,5	433	47,9	0,5884	266	43,4	411	45,2	0,7976
Não-branca	194	32,0	474	42,8	0,0664	170	29,6	379	38,0	0,1153
p	0,0252		0,0644		0,0058		0,0093			
Religião										
Católica	335	38,0	564	42,0	0,2924	315	36,3	492	40,2	0,4658
Protestante/Pentecostal	-	-	140	39,5	-	43	21,9	160	35,4	0,0920
Outras	-	-	58	64,2	-	48	64,1	71	57,1	0,5069
Nenhuma	123	68,3	148	63,1	0,6626	33	43,6	70	58,8	0,0425
p	0,0003		< 0,0001		0,0010		< 0,0001			
Situação conjugal										
Solteiro(a)	253	60,9	380	58,6	0,6936	104	52,5	238	61,2	0,3174
Casado(a)/unido(a)	248	28,2	498	38,3	0,0150	318	32,5	492	35,1	0,6250
Separado(a)/viúvo(a)	-	-	30	44,2	-	-	-	63	48,0	-
p	< 0,0001		< 0,0001		0,0260		< 0,0001			
Região geográfica										
Norte/Nordeste	82	25,6	197	36,3	0,0275	64	19,8	171	33,7	0,0093
Centro-Oeste/Sudeste	261	55,8	274	44,7	0,0565	177	42,3	257	47,3	0,5246
São Paulo	79	22,9	340	59,0	0,0000	143	42,4	251	45,1	0,8281
Sul	93	49,1	99	34,0	0,0283	53	39,7	114	36,2	0,4944
p	< 0,0001		< 0,0001		0,1064		0,0012			
Nº. de parceiros (ano anterior)										
Um	270	28,6	624	40,1	0,0037	-	-	723	39,6	-
Mais de um	247	64,0	285	61,4	0,6819	-	-	70	73,1	-
p	< 0,0001		< 0,0001		-		< 0,0001			
Total	516	38,9	909	45,0	0,1389	438	36,1	793	41,3	0,2847

(-) dado não fornecido, análises comparativas não foram realizadas quando o mínimo de 30 casos válidos não foi obtido nos dois períodos

Em termos de distribuição por região geográfica, obsevou-se redução acentuada no número de homens com mais de uma parceria sexual no ano anterior à entrevista para a região Centro-Oeste/Sudeste (32,2%, em 1998, 17,5%, em 2005; p=0,0038), assumindo assim um padrão semelhante ao observado nas demais regiões. No Norte/Nordeste as proporções foram si-

milares nos dois períodos, aproximadamente o dobro das proporções encontradas para as outras regiões em 2005 (p<0,0001).

Em relação às práticas sexuais, em 2005, quase 100% das pessoas sexualmente ativas no ano anterior à entrevista relataram prática de sexo vaginal com o(a)

Tabela 5. Distribuição de homens e mulheres que relataram prática de sexo anal com o último parceiro sexual tido no ano anterior à entrevista, segundo variáveis selecionadas. Brasil, 1998 e 2005.

Variável	Sexo anal										
	Homem					p	Mulher				
	n	%	n	%	n		n	%	n	%	P
Faixa etária (anos)											
16-19	54	38,2	53	31,2	0,4737	-	-	-	20	13,6	-
20-24	49	27,3	89	28,9	0,8564	-	-	-	49	20,1	-
25-34	105	30,3	154	29,6	0,9063	-	-	-	102	18,4	-
35-44	76	22,7	92	21,2	0,7883	-	-	-	94	19,6	-
45-65	-	-	76	12,9	-	-	-	-	47	9,2	-
p	0,0006		< 0,0001		-		0,0005				
Educação											
Fundamental	152	17,6	175	17,7	0,9803	-	-	-	108	11,2	0,1882
Médio	120	37,1	195	27,7	0,1057	-	-	-	129	20,2	0,8051
Superior	-	-	88	29,3	-	-	-	-	71	22,3	0,1588
p	0,0028		0,0001		-		< 0,0001				
Raça/cor											
Branca	171	24,5	197	21,8	0,5027	-	-	-	157	17,2	0,3728
Não-branca	120	19,6	264	23,9	0,3289	-	-	-	153	15,2	0,0013
p	0,2899		0,3743		-		0,2622		-		
Religião											
Católica	-	-	285	21,3	-	-	-	-	193	15,7	-
Protestante/Pentecostal	-	-	72	20,5	-	-	-	-	57	12,6	-
Outras	-	-	27	30,2	-	-	-	-	32	25,9	-
Nenhuma	-	-	78	33,4	-	-	-	-	29	24,8	-
p	-		0,0080		-		0,0028				
Situação conjugal											
Solteiro(a)	155	37,0	205	31,7	0,4081	-	-	-	79	20,1	-
Casado(a)/unido(a)	139	15,7	235	18,1	0,4410	-	-	-	209	14,9	-
Separado(a)/viúvo(a)	-	-	22	31,8	-	-	-	-	24	18,1	-
p	< 0,0001		< 0,0001		-		0,0480				
Região geográfica											
Norte/Nordeste	57	17,5	123	22,6	0,1595	-	-	-	74	14,7	-
Centro-Oeste/Sudeste	168	35,8	156	25,6	0,0808	-	-	-	96	17,6	-
São Paulo	30	8,5	125	21,9	0,0479	-	-	-	98	17,4	-
Sul	47	24,6	59	20,3	0,3906	-	-	-	44	13,8	-
p	0,0007		0,4857		-		0,4170				
Nº de parceiros (ano anterior)											
Um	132	13,9	272	17,5	0,2071	-	-	-	270	14,8	-
Mais de um	170	43,3	191	41,1	0,7676	-	-	-	41	41,4	-
p	< 0,0001		< 0,0001		-		< 0,0001				
Total	301	22,5	463	23,0	0,9014	173	14,2	312	16,1	0,5383	

(-) dado não fornecido; não foram realizadas análises comparativas quando o mínimo de 30 casos válidos não foi obtido nos dois períodos

último(a) parceiro(a) estável ou eventual. Apenas 1% dos homens e 0,3% das mulheres não a referiram – proporções similares às observadas em 1998. De um repertório constituído por sexo vaginal, anal e oral,

60,8% dos homens relataram sexo vaginal como prática exclusiva em 1998 e em 2005, 53,6% ($p=0,0530$); entre as mulheres, os números foram 62,7% e 57,3%, respectivamente ($p=0,2720$).

Dada a predominância quase absoluta do sexo vaginal, as análises estratificadas serão apresentadas apenas para sexo oral (Tabela 4) e anal (Tabela 5).

Não foram verificadas diferenças significativas na prática de sexo oral para as amostras de 1998 e 2005. Menos da metade dos homens e das mulheres, relatou ter praticado sexo oral com o(a) último(a) parceiro(a) sexual (Tabela 4).

Nos períodos analisados, a distribuição de pessoas que praticam sexo oral mostrou-se heterogênea para ambos os sexos, por faixa etária, escolaridade, religião, situação conjugal ou número de parceiros(as) no ano anterior à entrevista. A prática decresceu a partir dos 35 anos (em 1998 e 2005), observando-se, no entanto, um aumento significativo no grupo de mulheres de 35 a 44 anos ($p<0,0001$) e homens de 45 a 65 anos ($p=0,0143$).

O relato de sexo oral aumentou de 1998 para 2005, de acordo com a escolaridade, tanto para homens quanto para mulheres. Observou-se ainda, um incremento da prática entre mulheres com ensino até fundamental ($p=0,0443$).

Proporções menores de relato de sexo oral foram registradas entre homens e mulheres filiados à religião católica ou protestante/pentecostal, em comparação às demais categorias. As diferenças ficaram próximas a 20%.

Em ambos os períodos, a prática de sexo oral mostrou-se mais difundida entre mulheres e homens solteiros ou com mais de um parceiro sexual no último ano. Destacou-se, porém aumento significativo estatisticamente dessa prática entre homens casados/unidos ($p=0,0150$) e com parceira única ($p=0,0037$). Em ambos os períodos, o relato de sexo oral manteve-se mais freqüente no grupo de mulheres e homens brancos. Ao considerar a distribuição por região geográfica de residência, verificou-se mudança de padrão, de 1998 para 2005, cujas distribuições não foram homogêneas. Houve aumento no relato entre os homens residentes no Norte/Nordeste ($p=0,0275$) e no estado de São Paulo ($p<0,0001$). Em contrapartida, houve decréscimo ($p=0,0283$) entre homens da região Sul. Para as mulheres registrou-se, em 2005, incremento no relato de sexo oral entre mulheres residentes no Norte/Nordeste ($p=0,0093$).

A prática do sexo anal manteve-se inalterada nos dois períodos analisados. O relato foi menos freqüente, se comparado com sexo oral, e homens tendem a referir mais a sua ocorrência (Tabela 5). Análises comparativas entre 1998 e 2005, segundo variáveis sociodemográficas, não foram realizadas para a população feminina devido ao tamanho reduzido da amostra. Essa prática foi maior entre jovens do sexo masculino de 16 a 19 anos e decresceu com a idade; e entre as mulheres, foi mais freqüente entre aquelas de 20 a 44 anos.

Assim como verificado em relação ao sexo oral, a distribuição de pessoas que praticavam sexo anal diferiu para ambos os性os, por escolaridade, religião, situação conjugal ou número de parceiros(as). Tenderam a declarar menos freqüentemente a prática do sexo anal homens e mulheres com ensino até fundamental, com filiação às religiões católica ou protestante/pentecostal, casados/unidos e com um único parceiro sexual no último ano.

Nos períodos analisados, o relato da prática de sexo anal manteve-se homogêneo entre mulheres e homens brancos e não brancos. No que se refere à distribuição por região geográfica de residência, verificou-se homogeneidade para ambos os sexos em 2005, observando-se um incremento da prática entre homens, de 1998 para 2005, no Estado de São Paulo ($p<0,0479$). Devido ao tamanho reduzido da amostra em 1998, esse incremento deve ser interpretado com cautela.

DISCUSSÃO

Existe na literatura debate quanto à validade e confiabilidade dos dados produzidos por inquéritos sobre comportamentos e práticas sexuais devido à natureza subjetiva desse tipo de informação, sujeita a viés de memória, adequação de resposta e outros desvios.^{10,11,15} Por referir-se a comportamentos relacionados à vida privada e íntima das pessoas, o relato dessas informações é particularmente suscetível a pressões sociais e, portanto, pode refletir respostas consideradas socialmente esperadas ou corretas.^{10,12}

Além disso, a comparação temporal de dados de pesquisas deveria considerar um possível impacto nas respostas de mudanças culturais ocorridas ao longo do tempo. Uma mesma prática sexual, experimentada em momentos diferentes, pode ser relatada com mais ou menos freqüência em função de contextos culturais mais ou menos liberais com relação à prática no momento em questão.

No entanto, conforme ressaltam Bastos et al,² “inquéritos populacionais são pouco sujeitos a erros sistemáticos e vícios que invalidem comparações e contrastes, uma vez minimizados os erros não-sistemáticos e reconhecidas as suas limitações amostrais e referentes à confiabilidade e validade dos instrumentos utilizados”.

Feitas estas considerações, não foram observadas mudanças significativas nos padrões de comportamento sexual de homens e mulheres, de 1998 para 2005 para o conjunto da população. Exceção feita ao número de parcerias sexuais no ano que antecedeu a entrevista, que diminuiu entre os homens.

Os padrões diferenciados de comportamento sexual segundo sexo mantiveram-se similares, a saber:

mulheres iniciaram a vida sexual mais tarde; proporção menor de mulheres manteve-se sexualmente ativa no último ano e proporção ainda menor relatou mais de um parceiro sexual no último ano. Embora os resultados divulgados por Szwarcwald et al^a não fornecem estimativas para a população com mais de um parceiro no último ano, os padrões encontrados no presente estudo são similares aos encontrados por esses autores em 2004.

Também não foram identificadas mudanças nos padrões de homens e mulheres, quanto às práticas sexuais mantidas com o(a) último(a) parceiro(a). As diferenças segundo sexo foram observadas apenas com relação à prática de sexo anal, menos frequente entre as mulheres.

Embora não existam dados disponíveis no Brasil para o mesmo recorte etário, inquérito populacional realizado em 2002 por Heilborn et al,¹¹ com jovens de 18 a 24 anos residentes nas cidades de Salvador, Rio de Janeiro e Porto Alegre, registrou predominância de sexo vaginal, sendo sexo oral uma prática mais difundida e praticada de forma menos assimétrica entre homens e mulheres. O sexo anal foi menos frequente no repertório sexual dos jovens e apresentou diferenças marcantes de gênero.

Por outro lado, as diferenças por sexo, identificadas no relato do sexo anal, não encontram paralelo nos estudos realizados em países como Estados Unidos, Inglaterra e Austrália.^{7,13,14} Para Heilborn et al,¹¹ a maior frequência de sexo anal entre homens no Brasil provavelmente reflete mais a valorização do relato da prática do que evidencia sua ocorrência. Porém, as freqüências observadas no presente estudo, tanto para homens como para as mulheres, situaram-se em patamares mais elevados do que as referidas pelos estudos realizados na Inglaterra¹³ e Estados Unidos,¹⁴ que utilizaram indicadores similares aos da presente pesquisa. Esse fato talvez indique que o sexo anal seja mais praticado no Brasil. Padrão similar a este também foi observado no Chile em 2000.^b

Quanto aos padrões referentes às parcerias do mesmo sexo ao longo da vida, não foram encontradas diferenças entre homens e mulheres: cerca de 3% da população entrevistada (1998) referiram ter se relacionado sexualmente com parceiros do mesmo sexo ao longo da vida, proporção mantida em 2005 entre os homens.¹ Padrão semelhante foi encontrado na França, em 2006.^c A análise comparativa dos achados franceses relativos ao grupo de homens em 2006, com os disponíveis para o mesmo país em 1992, evidencia estabilidade da

estimativa ao longo do tempo e aumento da proporção entre as mulheres. No Brasil, todavia, não foi possível estabelecer estimativas confiáveis para a população feminina, em 2005, devido ao pequeno número de relatos desse tipo de parceria. Mais do que uma redução objetiva do evento, esse achado sugere que o relato de parcerias homossexuais entre mulheres ainda é marcado por temores de preconceitos e censura e, nesse sentido, mais passíveis de serem omitidos nos contextos de pesquisa. Isso foi indicado anteriormente em estudo etnográfico por Barbosa & Facchini.^d

Se a análise não revelou mudanças substantivas para o conjunto de homens e mulheres, de 1998 para 2005, as análises estratificadas mostraram cenário mais diversificado e complexo. Tal cenário caracteriza-se pela variabilidade de comportamentos e práticas sexuais, conforme idade, escolaridade, situação conjugal, religião e região geográfica de residência, fatores que interagem entre si de maneira particular, segundo sexo.

Uma discussão mais aprofundada dessas inter-relações requer análises multivariadas de modo a controlar o efeito do conjunto de variáveis sobre comportamentos e práticas sexuais. Ainda assim, os achados da presente pesquisa parecem indicar diminuição das diferenças entre homens e mulheres, corroborando Bozon^e e Johnson et al^f ao analisarem mudanças recentes, respectivamente, na França e na Inglaterra.

Essa redução das diferenças mostrou-se associada, no caso brasileiro, a um padrão de mudança caracterizado por: aumento da proporção de mulheres que iniciaram a vida sexual com 16 a 19 anos, com escolaridade até o ensino fundamental, ou residentes na região Sul do Brasil; o aumento de relato de atividade sexual no ano anterior à entrevista pelas mulheres; redução de relato similar por parte de homens com mais de 55 anos, protestantes/pentecostais, ou separados e viúvos; diminuição da proporção de homens com mais de um parceiro(o) sexual no último ano, entre aqueles com 25 a 44 anos ou com ensino até médio; aumento de relato da prática de sexo oral por mulheres com mais de 35 anos ou residentes no Norte/Nordeste.

Embora a interpretação de mudanças ocorridas no comportamento e nas práticas ao longo do tempo exija cautela e necessite levar em conta o possível impacto de questões metodológicas, anteriormente assinaladas, as sucessivas observações – com valores reiteradamente negativos para os homens e positivos para as mulheres

^a Ministério da Saúde. Coordenação Nacional de DST e AIDS. Pesquisa de conhecimento, atitudes e práticas na população brasileira de 15 a 54 anos, 2004. Brasília; 2006.

^b Arredondo A, Goldstein E, Olivera MP, Bozon M, Giraud M, Messich A, et al. Estudio Nacional de Comportamiento Sexual: Primeros Análisis, Chile 2000. Santiago: Comisión Nacional del Sida-Ministerio de Salud; 2000.

^c Agence Nationale de Recherches Sur le Sida et les Hépatites Virales. Dossier de presse - Premiers résultats de l'enquête «Contexte de la sexualité en France». Paris; 2007. Disponível em: <http://www.anrs.fr/index.php/anrs/content/download/483/3662/file/DP%202013%20mars%202007%20-%20Premiers%20r%C3%A9sultats%20de%20l%5Cenqu%C3%AAte%20CSF.pdf>

^d Barbosa RM, Facchini R. Mulheres, cuidados à saúde, gênero e diversidade sexual. São Paulo; 2006. (Relatório de pesquisa – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq – Processo n. 401256/2004-9)/CNPq).

– levantam a hipótese de estar ocorrendo um processo de mudança nos padrões de comportamento e práticas sexuais no Brasil. Tal mudança poderá ser mais bem compreendida em análises específicas e aprofundadas, e confirmada pela repetição da pesquisa, de forma a se obter mais pontos no tempo.

Até o momento, estudos de tendências e mudanças nos padrões de comportamentos e práticas sexuais no Brasil baseavam-se em amostras e instrumentos de pesquisa diversos. Exceção foi a Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde (PNDS) realizada em 1986 e repetida em 1996,^a que, no entanto, não contemplava essas temáticas como eixo central. Talvez por essas razões, análises comparativas temporais dos padrões de comportamento e práticas sexuais no Brasil não tenham sido encontradas na literatura consultada, a exemplo dos estudos realizados em países da África Subsaariana,^{5,6} Inglaterra¹³ e França.^b

A dificuldade de comparar os achados da presente pesquisa com os de pesquisas brasileiras semelhantes, quanto à abrangência geográfica e recorte populacional, refere-se também ao recorte analítico utilizado na produção de dados sobre comportamento e práticas sexuais. Entre 1998 e 2005 foram realizadas outras pesquisas populacionais de abrangência nacional sobre comportamento e práticas sexuais (2003^c e 2004^d). Ocorre que as análises realizadas a partir desses estudos, ao tomarem o sexo como mais uma categoria apenas, dentro do rol de outras variáveis sociodemográficas, não explicitaram diferenças internas desses grupos, inviabilizando a comparação com vários dos resultados do presente estudo. Esse fato provavelmente reflete a incorporação incipiente da categoria gênero em estudos e análises epidemiológicas em geral, uma perspectiva de análise que vem sendo internacionalmente adotada em trabalhos^{7,13,14,b} dessa natureza e imprescindível para estudos sobre sexualidade.

^a Dados inéditos.

^b Agence Nationale de Recherches Sur le Sida et les Hépatites Virales. Dossier de presse - Premiers résultats de l'enquête "Contexte de la sexualité en France". Paris; 2007. Disponível em: <http://www.anrs.fr/index.php/anrs/content/download/483/3662/file/DP%202013%20mars%2007%20-%20Premiers%20r%C3%A9sultats%20de%20l%5C'enqu%C3%A9te%20CSF.pdf>

^c França Junior I, Paiva V, Lopes F, Venturi G. Aspectos metodológicos e analíticos da pesquisa. Ministério da Saúde/Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística, Brasil-2003. São Paulo; 2003. Disponível http://www.aids.gov.br/data/documents/storedDocuments/%7BB8EF5DAF-23AE-4891-AD36-1903553A3174%7D/%7B588C389F-E032-449B-9787-C6DF78BFFDF9%7D/artigo_metodologia.pdf

^d Ministério da Saúde. Coordenação Nacional de DST e AIDS. Pesquisa de conhecimento, atitudes e práticas na população brasileira de 15 a 54 anos, 2004. Brasília; 2006.

REFERÊNCIAS

1. Barbosa RM, Koyama MA. Mulheres que fazem sexo com mulheres: algumas estimativas para o Brasil. *Cad Saude Publica*. 2006;22(7):1511-4.
2. Bastos FI, Bertoni N, Hacker MA, Grupo de Estudos em População, Sexualidade e Aids. Consumo de álcool e drogas: principais achados de pesquisa de âmbito nacional, Brasil 2005. *Rev Saude Publica*. 2008;2(Supl 1):109-17.
3. Berquó E, Barbosa RM, Grupo de Estudos em População, Sexualidade e Aids. [Introdução]. *Rev Saude Publica*. 2008;42(Supl 1):7-11.
4. Bussab W de O, Grupo de Estudos em População, Sexualidade e Aids. Plano amostral da Pesquisa Nacional sobre Comportamento Sexual e Percepções sobre HIV/Aids, 2005. *Rev Saude Publica*. 2008;42(Supl 1):12-20.
5. Cleland J, Ali MM. Sexual abstinence, contraception, and condom use by young African women: a secondary analysis of survey data. *Lancet*. 2006;368(9549):1788-93.
6. Cleland J, Ali MM, Shah I. Trends in Protective Behaviour among Single vs. Married Young Women in Sub-Saharan Africa: The Big Picture. *Reprod Health Matters*. 2006;14(28):17-22.
7. Visser RO, Smith AM, Rissel CE, Richters J, Grulich AE. Sex in Australia: heterosexual experience and recent heterosexual encounters among a representative sample of adults. *Aust N Z J Public Health*. 2003;27(2):146-54.
8. Dourado I, Veras MASM, Barreira D, Brito AM. Tendências da epidemia de Aids no Brasil após a terapia anti-retroviral. *Rev Saude Publica*. 2006;40(Supl):9-17.
9. Fishbein M, Pequegnat W. Evaluating AIDS prevention interventions using behavioral and biological outcome measures. *Sex Transm Dis*. 2000;27(2):101-10.
10. Gagnon JH. Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond; 2006.
11. Heilborn ML, Aquino EML, Bozon M, Knauth DR, organizadores. O Aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Garamond; 2006.
12. Hubert M, Bajos N, Sandfort T. Sexual behavior and HIV/AIDS in Europe: comparisons of national surveys. London: UCL Press; 1998.
13. Johnson AM, Mercer CH, Erens B, Copas AJ, McManus S, Wellings K, et al. Sexual behaviour in Britain: partnerships, practices, and HIV risk behaviours. *Lancet*. 2001;358(9296):1835-42.
14. Laumann EO, Gagnon JH, Michael RT, Michaels S. The social organization of sexuality: sexual practices in the United States. Chicago: The University of Chicago Press; 1994.
15. Pequegnat W, Fishbein M, Celentano D, Ehrhardt A, Garnett G, Holtgrave D, et al. NIMH/APPC workgroup on behavioral and biological outcomes in HIV/STD prevention studies: a position statement. *Sex Transm Dis*. 2000;27(3):127-32.
16. Smith AM, Rissel CE, Richters J, Grulich AE, Visser RO. Sex in Australia: the rationale and methods of the Australian Study of Health and Relationships. *Aust N Z J Public Health*. 2003;27(2):106-17.
17. Wellings K, Collumbien M, Slaymaker E, Singh S, Hodges Z, Patel D, et al. Sexual behaviour in context: a global perspective. *Lancet*. 2006;368(9548):1706-28.

Artigo baseado em dados da pesquisa “Comportamento sexual e percepções da população brasileira sobre HIV/Aids”, realizada pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), com o apoio do Programa Nacional de DST e Aids do Ministério da Saúde (Processo n.º ED 213427/2004).

Este artigo seguiu o mesmo processo de revisão por pares de qualquer outro manuscrito submetido a este periódico, sendo garantido o anonimato entre autores e revisores. Editores e revisores declararam não haver conflito de interesses que pudesse afetar o processo de julgamento dos artigos. Os autores declararam não haver conflito de interesses.